

Práxis

## Produção técnica: enlaces e desenlaces contemporâneos – vozes femininas

## Technical production: contemporary affective bonds – female voices

## Producción técnica: conexiones y desenlaces contemporâneos – voces femininas

Valéria Figueira Brito<sup>1</sup> 

Mônica Ramos Daltro<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (Salvador). Bahia, Brasil.

<sup>2</sup>Autora para correspondência. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (Salvador). Bahia, Brasil. monicadaltro@bahiana.edu.br

**RESUMO | INTRODUÇÃO:** O presente trabalho descreve o desenvolvimento de um canal no Youtube com vista a promover reflexão sobre a temática do amor e do seu desenlace, possibilitando a discussão ampla sobre aspectos da contemporaneidade e estratégias de enfrentamento das dores implicadas. **OBJETIVO:** Trata-se de um artigo que descreve de forma analítica e dialogada com a literatura a experiência um canal de comunicação virtual com informações científicas, históricas, além de histórias vividas, constituindo-se uma estratégia de reflexão sobre as mulheres, realizada por mulheres, para as mulheres. **RESULTADOS:** Os resultados colocam o machismo e o patriarcado como entraves das vivências femininas contemporâneas e a fala, o feminismo e a busca por autonomia como exercícios a serem protagonizados no cotidiano de diferentes mulheres. A dor de amor e o luto emergem como vivências atravessadas por esses elementos culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor. Intimidade. Contemporaneidade. Mulheres. Youtube.

**ABSTRACT | INTRODUCTION:** This paper describes the development of a Youtube channel to promote the debate about love and the experiences of contemporary women, making it possible to discuss aspects of contemporaneity and strategies to face the pain implied. **OBJECTIVE:** It is an experience report that describes, in an analytical way and in dialogue with literature, the experience of a virtual communication channel with scientific and historical information, as well as lived stories, constituting a strategy of reflection about women, made by women, for women. **RESULTS:** The results place machismo and patriarchy as obstacles to contemporary female experiences, and speech, feminism, and the search for autonomy as exercises to be protagonized in the daily lives of different women. The pain of love and mourning emerge as experiences crossed by these cultural elements.

**KEYWORDS:** Love. Intimacy. Contemporaneity. Woman. Youtube.

**RESUMEN | INTRODUCCIÓN:** El presente trabajo describe el desarrollo de un canal de YouTube con el objetivo de promover la reflexión sobre el tema del amor y su desenlace, posibilitando una amplia discusión sobre aspectos contemporâneos y estrategias para el enfrentamiento del dolor envuelto. **OBJETIVO:** Este es un artículo que de forma analítica y en diálogo con la literatura describe la experiencia de un canal de comunicación virtual con información científica e histórica, además de relatos vividos, constituyendo una estrategia de reflexión sobre las mujeres, realizada por mujeres, para mujeres. **RESULTADOS:** Los resultados sitúan al machismo y al patriarcado como barreras a las experiencias y discursos femeninos contemporâneos, al feminismo y la búsqueda de la autonomía como ejercicios a realizar en el cotidiano de las diferentes mujeres. El dolor del amor y el duelo emergem como experiencias atravesadas por estos elementos culturales.

**PALABRAS CLAVE:** Amor. Intimidad. Tiempo contemporâneo. Mujer. YouTube.

Submetido 21/12/2022, Aceito 01/03/2023, Publicado 13/09/2023

Rev. Psicol. Divers. Saúde, Salvador, 2023;12:e4350

<http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2023.e4350>

ISSN: 2317-3394

Editora responsável: Marilda Castelar

Como citar este artigo: Brito VF, Daltro MR. Produção técnica: enlaces e desenlaces contemporâneos – vozes femininas. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 12, e4350. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2023.e4350>



*Que nada nos defina, que nada nos sujeite.  
Que a nossa liberdade seja a nossa própria substância.*  
Simone de Beauvoir

## Introdução

É necessária uma disposição amorosa para nos debruçarmos sobre o vínculo e suas variabilidades contemporâneas. A perspectiva da mulher de classe média e com nível alto de instrução sobre esse tema indica que processos de construção e rompimentos de vínculos são frequentemente associados às experiências de alegria e vigor, mas também de dor e sofrimento. Inspirada na obstinação de Eros, a pesquisa que deu origem a esse projeto, intitulada “Enlaces e desenlaces: os desafios enfrentados pelas mulheres para amar na contemporaneidade”, mergulhou nas concepções sobre o amor e a dor de amar, em suas significações, percursos e nas suas representações.

Esse texto reflete a parte de um trabalho final de conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Psicologia e Intervenções em Saúde da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Com vista a fundamentar sua construção, realizou-se uma revisão integrativa de literatura, em que foram selecionados 18 artigos publicados nos últimos cinco anos que versavam sobre o percurso histórico do amor, a influência da contemporaneidade nas maneiras de amar, os modos de amar e se relacionar, o lugar da mulher na contemporaneidade, a relação entre esse lugar, as conquistas do feminismo e a sexualidade da mulher. Apesar do número considerável de artigos, uma escassez de estudos sobre o tema específico relacionado ao sofrimento pela separação conjugal foi identificada pelas autoras. Trata-se de um indicativo de como Eros e seus deslocamentos na vida cotidiana têm sido negligenciados pela ciência, voltada a exaltar os sintomas apartados da complexidade que envolve os modos de existir, amar e sofrer.

Trata-se então de um relato de experiência, que como afirma [Daltro](#) e [Farias](#) (2019) configura-se como produto científico próprio às ciências humanas e à pós-modernidade. Considera-se que essa narrativa científica se refere a uma construção teórico-prática que propõe através da descrição analítica dialogada com a literatura o refinamento de saberes sobre a experiência em si, a partir do olhar do sujeito-pesquisador localizado num tempo histórico e social.

O processo descritivo se baseia na importância de dar protagonismo à temática por meio da produção de canais de comunicação que deem voz e acesso às mulheres para que elas possam refletir sobre seus processos de luto e elaboração das dores de amor, assim como o enfrentamento dos modos de sofrer e operar o sofrimento da sociedade e seus imperativos de beleza e juventude, do corpo ideal e da mulher multitarefas.

Foi notória a ausência da abordagem do tema de separação conjugal na perspectiva de mulheres múltiplas, em diferentes lugares de fala, na pesquisa. Este produto visa reparar essa falta, incluindo em sua programação mulheres diversas, quanto à idade, orientação sexual, raça e classe social e, dessa forma, promover a democracia que pauta o feminismo.

A revisão integrativa de literatura e a revisão de literatura realizadas deram suporte para fundamentar a atividade, bem como nortearam as diretrizes que orientaram o desenvolvimento deste programa.

As análises teóricas decorrentes da revisão integrativa circunscrevem a necessidade de intervenção a partir da seguinte formulação: como as mulheres vêm sentindo a dor das separações conjugais? Como cuidam ou cuidaram desse luto? Como a psicologia tem pensado e manejado essas experiências, considerando o empoderamento da mulher e os discursos feministas contemporâneos? Como as mulheres têm encarado esse processo de elaboração psíquica, sozinhas, sem encontrar um lugar para a dor de amor na contemporaneidade?

A psicanálise nasceu do interesse freudiano sobre o que as mulheres teriam a dizer, e a feminilidade apresenta-se como um tema que leva os psicanalistas ao trabalho. Notícias científicas e midiáticas articulam as mulheres ao sofrimento psíquico, são elas que procuram os psicanalistas ([Kuss](#), 2016).

A literatura que serve de ancoramento para este projeto escreve muitos desafios aos quais as mulheres estão expostas, multitarefas, cobradas por uma postura emancipada e performática, parecem só encontrar espaço de acolhimento e voz sobre suas dores e seus modos de resistir e elaborar no silencioso consultório terapêutico ([Kuss](#), 2016).

A partir do questionamento sobre a vivência das mulheres nos seus desenlaces e do silenciamento encontrado na pesquisa, optou-se pelo desenvolvimento de um canal de comunicação virtual na plataforma digital Youtube, desenvolvido por mulheres para as mulheres.

Com o crescente acesso da população a diferentes tipos de serviços virtuais, a internet passou a fazer parte da rotina de milhares de brasileiros. Considerando esse panorama, fica evidente que o efeito da tecnologia no comportamento humano já é uma realidade da qual a psicologia enquanto profissão vem se aproximando ao oferecer serviços psicológicos on-line, ou seja, ao usar a tecnologia como instrumento de trabalho, ampliando as suas possibilidades nesse novo mercado (Lemos, 2016).

O cenário de um consultório psicológico serviu como inspiração para a ambiência deste projeto, como um poderoso lugar de escuta, dessa vez, interceptado pela tecnologia. O referencial teórico utilizado é a tecnologia como mediação para um produto de natureza psicoeducativa. Pensando em experiências contemporâneas e em como a informação pode ser mais bem difundida, foi idealizado um canal virtual que constituísse esse espaço de fala e reflexão.

O objetivo deste trabalho é promover a reflexão sobre o lugar do luto no processo de desenlaces de vínculos amorosos, por meio da difusão do conhecimento originado pela pesquisa, em uma ferramenta acessível a todos, que possa subsidiar a reflexão e as práticas cotidianas de autocuidado para mulheres de diferentes origens e pertinência identitária.

Espera-se que o uso de tal técnica permita acessar mulheres de territórios, classes sociais, etnias e orientações sexuais diferentes, em todo o território brasileiro e que, a partir dessa diversidade, enriqueça a discussão e a percepção sobre o tema.

Para as mulheres, será importante assistir a esse canal, para acessar um conteúdo que poderá ancorar reflexões e resgatar sentimentos sobre autoimagem, autocuidado, autovaliação e autoestima, cumprindo assim uma função psicoeducativa.

Acredita-se que o material será bastante acessado, pela qualidade do conteúdo e da sua produção,

realizado pelas pesquisadoras e por profissionais da área de psicologia, que encontraram e acrescentaram referências para o desenvolvimento de estudos sobre a temática que nesse texto se desenha como um relato de experiência ao apresentar um canal do Youtube construído com vistas a promover reflexões sobre os modos de amar de mulheres contemporâneas brasileiras escolarizadas e disseminar conhecimento teórico-científico sobre a temática de maneira acolhedora e cooperativa.

## Materiais e métodos

Entre uma pergunta de pesquisa e uma resposta bibliográfica nasceu o desenho de produto técnico voltado para dar voz a mulheres contemporâneas, ancoradas pela psicologia e pela psicanálise sobre suas experiências de desenlace amoroso. Esse projeto desenha um canal de comunicação na plataforma digital Youtube.

A internet causou um impacto na sociedade. O acesso às informações tem se tornado cada vez mais amplo, afetando o ritmo das transformações culturais. O Youtube está presente em um momento de transição da cultura no que diz respeito ao uso das mídias. As várias práticas constituídas nesse ambiente virtual evidenciam como a sociedade tem estabelecido novas relações com a aprendizagem (Moura & Freitas, 2018). Considerada uma potente ferramenta de comunicação, disponível gratuitamente a todos que tenham acesso à internet, esse veículo torna disponível o conteúdo da pesquisa a um número ilimitado de mulheres.

O canal contempla um programa com 10 episódios com a duração de aproximadamente 30 minutos cada, gravados a cada 15 dias, disponíveis na plataforma do Youtube da pesquisadora, os quais são divulgados por meio das suas redes sociais e daquelas que foram criadas para o programa.

O público-alvo é de mulheres escolarizadas de todas as idades, de nível médio e superior, de classe média e diferentes lugares subjetivos: a mulher negra, a mulher gorda, a mulher trans com orientações sexuais diversas.

Os temas foram escolhidos a partir dos resultados encontrados na pesquisa, separados por eixos, numa sequência de raciocínio e contou com a participação da psicóloga pesquisadora e alguns convidados da área de saúde e psicologia.

Os roteiros foram elaborados pelas autoras e adaptados para uma linguagem informal, acessível, que pudesse sustentar a atenção dos telespectadores na plataforma digital.

Para as gravações, foram providenciadas todas as medidas de higienização e distanciamento social estabelecidas pelo Ministério da Saúde do Brasil no combate à COVID-19.

Foi solicitado às espectadoras que comentassem o conteúdo por meio do chat na plataforma do Youtube e da rede social no Instagram @desenlaces.contemporaneos, desenvolvida exclusivamente para atender ao programa. Os expectadores participaram com perguntas, comentários e sugestões. Esses posicionamentos serviram de material para a análise dos resultados, bem como a quantidade de acessos.

Foram utilizadas leituras e algumas manifestações artísticas, como músicas e poesias, com o devido pagamento dos direitos autorais.

Para a sua realização, todo o desenho do programa foi alinhado com a orientadora e a equipe responsável, consultando normas dos direitos de todos os envolvidos.

## Desenvolvimento

No mundo contemporâneo e tecnológico, os/as psicólogos/as precisam aprender a integrar vários espaços de forma equilibrada e inovadora. Ou seja, esses profissionais são demandados a construir novos contextos formativos, mediados pela linguagem digital (Stoque et al., 2016).

A programação foi pensada para o público de mulheres escolarizadas que se interessa em entender melhor as mulheres. Foram usados elementos simples e uma linguagem acessível para alcançar o maior número possível de espectadores.

As convidadas foram mulheres que estudam o assunto e que pertencem a um lugar de fala (Ribeiro, 2019), de acordo com o tema abordado, para enriquecer a experiência. Os temas foram escolhidos de acordo com a escuta da autora, como psicóloga mulher e leitora de estudos científicos sobre o tema e divididos de forma a ficar mais didático para as espectadoras. Para cada tema, um roteiro fundamentado na pesquisa foi desenvolvido. São eles:

### 1) O início de uma travessia amorosa: o amor e suas faces na contemporaneidade ([Desenlaces Contemporâneos, 2021a](#))

Convidada: Dra. Mônica Daltro

Data de postagem: 15/03/2021

Duração: 34:32

Descrição: no primeiro episódio, as pesquisadoras se apresentam, explicam do que se trata o projeto e introduzem o tema. Trazem alguns conceitos sobre o amor como o Banquete de Platão de Aristófanes (2016), a representação de Eros e abordam conceitos dos filósofos contemporâneos sobre o amor. Finalizam abordando o assunto na perspectiva feminina.

### 2) O amor romântico – história e implicações no campo do feminino ([Desenlaces Contemporâneos, 2021b](#))

Data de postagem: 30/03/2021

Duração: 46:21

Descrição: foi realizada uma *live* por meio da plataforma Instagram, visando explorar de onde vêm tantas expectativas e ideais que trazem frustrações e sofrimentos. Tratou-se de como surgiu esse tipo de amor e como ele traz consequências limitantes na experiência sexual feminina, com a participação de telespectadores do canal.

### 3) Da repressão à liberdade – Amar foi uma luta! ([Desenlaces Contemporâneos, 2021c](#))

Convidada: Dra. Anna Amélia Faria

Data de postagem: 10/04/2021

Duração: 27:28

Descrição: nesse episódio, foi abordado um tema fundamental para esta pesquisa e a reflexão sobre as conquistas do feminismo, o mito da beleza e da juventude, assim como as consequências do imperativo patriarcal e machista nas formas de amar das mulheres.

#### **4) Novos vínculos conjugais ([Desenlaces Contemporâneos, 2021d](#))**

Convidada: Lua Freitas

Data de postagem: 20/04/2021

Duração: 48:52

Descrição: esse episódio traz como convidada uma designer, estudante de psicologia e transexual mulher. Inicia-se com a história dos modos de amar, começando pelo casamento, divórcio, até abrir para os relacionamentos abertos, poliamor e outras liberdades afetivas. Aborda conceitos como a ética do amor livre e a consensualidade ([Hardy & Easton, 2019](#)). Traz reflexões sobre a posição do desejo, a orientação sexual e as percepções sensíveis da Lua no seu processo de transição.

#### **5) Eros X Narciso – Onde encontrar o amor na contemporaneidade? ([Desenlaces Contemporâneos, 2021e](#))**

Convidada: Marilda Bastos

Data de postagem: 03/05/2021

Duração: 29:23

Descrição: nesse vídeo, Valéria e Marilda apresentam os mitos de Eros e de Narciso com Eco. Na sequência, são abordados alguns conceitos sobre a contemporaneidade dos filósofos [Bauman](#) (2004) e [Han](#) (2017). A partir disso, as duas comentam sobre a falta de lugar para Eros na pós-modernidade, o narcisismo e as suas repercussões nas relações amorosas, a influência da tecnologia e das redes sociais nos modos de amar e separar-se.

#### **6) Amor, sexo e desejo ([Desenlaces Contemporâneos, 2021f](#))**

Convidada: Alcione Bastos

Data de postagem: 17/05/2021

Duração: 47:39

Descrição: nesse vídeo, começam falando sobre a história da mulher, com re-apropriação do corpo e do direito de exercer a sexualidade. Contemplam percepções do que mudou nesse quesito na contemporaneidade. Depois, abordam conceitos como amor, paixão e desejo. Explicam sobre o caminho da excitação sexual feminina, e falam de aspectos importantes para manter o desejo nas relações. No fim, elas refletem sobre as possíveis alterações nas relações amorosas pós-pandemia.

#### **7) Posições femininas de dizer o amor – interseccionalidades ([Desenlaces Contemporâneos, 2021g](#))**

Convidadas: Ana Lima, Andréa Santa Rosa, Lígia Vilas Bôas, Luciana Bilitário, Raíssa Lé e Rosenir Alcântara Medição com a participação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Mônica Daltro

Data de postagem: 30/05/2021

Duração: 30:21

Descrição: nesse vídeo, foram tratados diferentes lugares de fala ([Ribeiro, 2019](#)) de mulheres e seus desenlaces amorosos e onde eles convergem e divergem: a mulher negra, a mulher madura, a mulher jovem, a mulher lésbica, divorciada, casada etc.

#### **8) A dor de amar ([Desenlaces Contemporâneos, 2021h](#))**

Convidadas: Ana Lima, Andréa Santa Rosa, Lígia Vilas Bôas, Luciana Bilitário, Raíssa Lé e Rosenir Alcântara Medição com a participação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Mônica Daltro

Data de postagem: 30/05/2021

Duração: 37:32

Descrição: na continuação do episódio anterior, agora é abordada "a dor de amar". Esse episódio traz experiências e conceitos sobre o fim dos relacionamentos e diversas experiências de dor da separação conjugal, assim como alguns conceitos em psicoterapia como o de luto na psicanálise.

### 9) A elaboração do luto de amor ([Desenlaces Contemporâneos, 2021i](#))

Convidadas: Ana Lima, Andréa Santa Rosa, Lígia Vilas Bôas, Luciana Bilitário, Raíssa Lé e Rosenir Alcântara  
Mediação com a participação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Mônica Daltro

Data de postagem: 30/05/2021

Duração: 32:33

Descrição: nesse episódio, são abordadas estratégias de enfrentamento da dor decorrente da separação conjugal, bem como a retomada do investimento libidinal como a possibilidade de grande encontro consigo mesma.

### 10) Um fim que se abre – o amor, a arte e a arte de amar ([Desenlaces Contemporâneos, 2021j](#))

Convidada: Cyria Coentro

Data de postagem: 10/06/21

Duração: 36:19

Descrição: nesse episódio, Valéria conversa com a atriz baiana Cyria Coentro sobre a relação entre o amor e a arte em diversas manifestações, como a poesia e o teatro. Cyria fala sobre o processo de construção artística do espetáculo *Love* e onde as suas histórias de amor e dor aparecem nos seus trabalhos. Cyria traz para o vídeo poemas de Neruda, Vinícius de Moraes, Shakespeare e Drummond, enquanto Valéria traz alguns conceitos do livro *Elogio ao Amor*, do filósofo francês Alain Badiou e de Nicolas Truong, e *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes.

## Participantes

Apresentadora: Valéria Cristina Figueira de Brito.  
Convidadas: mulheres que apresentem expertise teórica ou vivencial sobre o tema.

## Ficha técnica do programa

Roteiro: Valéria Figueira  
Pesquisa: Mônica Daltro e Valéria Figueira  
Direção: Ângulo filmes e Valéria Figueira  
Gravação e áudio: Ângulo filmes  
Edição: Ângulo Filmes e Valéria Figueira  
Identidade visual: Lucielle Trindade  
Vinheta: Gabriel Batata  
Cenário: Julia Leal e Valéria Figueira  
Maquiagem: Caren Mota

## Recursos necessários

Foram utilizados uma sala com o cenário composto de cadeiras para as apresentadoras e convidadas, equipamentos de filmagem, iluminação e edição de vídeo, música, design das peças gráficas para divulgação e maquiagem. O programa foi custeado pela mestranda.

## Discussão

As narrativas produzidas nos encontros promovidos pelo canal *Desenlaces Contemporâneos* contornam questões que estão colocadas pela literatura, a saber, discursos sobre um modo de ser-de-mulheres muito exigidas em performar no campo da força, do sucesso e dos padrões de beleza, que seguem desejanter, trazendo consigo reminiscências de uma educação romântica, mas agora falando de um outro lugar, para um outro mundo, apropriadas do próprio corpo e com possibilidades de escolha de empoderamento.

Segundo [Giddens](#) (1993), as novas formas de relacionamento têm como base os princípios democráticos. Atribui à realização do prazer sexual recíproco um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento e presume igualdade na relação das trocas afetivas. Implica desenvolver uma relação compartilhada em que cada um deve proporcionar ao outro algum tipo de garantia de que o relacionamento deve ser mantido por um período indefinido, porém não evita que qualquer um que se comprometa sem reservas corra o risco de sofrer, no futuro, caso o relacionamento venha a dissolver-se.

O convite para participação nos encontros buscou a maior pluralidade de lugares sociais de fala possível, mantendo como elemento comum a presença de mulheres escolarizadas. Os registros dos relatos dessas mulheres compõem um importante instrumento de diálogo nesta pesquisa, que partiu, a cada encontro, dessa localização social, proposta por [Djamila Ribeiro](#) (2019), como caminho para compreender realidades sobre a experiência de viver o amor e suas dores. Ao longo dos temas abordados nos dez vídeos desse produto, conceitos teóricos se entrelaçaram às vivências, pautadas na dialogicidade e na troca de experiências.

A abertura da série trouxe como tema *O amor e suas faces na contemporaneidade*. Ao definir o amor como “uma confiança depositada no acaso”, [Badiou](#) e [Truong](#) (2013, p. 17) nos conduzem à ideia de que é possível experimentar o mundo a partir da diferença. Para [Badiou](#), este é o alcance universal do amor, no encontro amoroso, “você sai em busca do outro para fazê-lo existir com você, tal como ele é” ([Badiou & Truong](#), 2013, p.18).

Para o segundo episódio, o tema escolhido foi *O amor romântico – história e implicações no campo do feminino* inspirado no texto de [Bacchinni](#) et al. (2016) que afirmam que a constituição subjetiva das mulheres contemporâneas se ancora numa histórica educação romântica.

Na história do amor romântico, a perda do interesse pela vida pública, reduzida a questões de mercado, provocou um enorme interesse dos sujeitos pela vida privada, com a consequente exaltação da vida amorosa. Com o passar do tempo, as conquistas da liberação e emancipação das minorias sexuais trouxeram para muitos a esperança de realização

amorosa, aumentando o investimento no ideal de amor. Segundo o autor, o amor deslocou-se para o centro do ideal da felicidade, “o amor tornou-se a última razão do sujeito” ([Costa](#), 1998, p. 20).

Algumas participantes nas *lives* descritas nesse artigo relataram que se percebem como mulheres românticas e sofrerem com as frustrações causadas por esse imaginário, idealizando o amor romântico e discorrendo sobre a dificuldade de se doar por medo. [Costa](#) (2018) afirma que, enquanto estivermos convencidos de que o ideal romântico representa o apogeu da perfeição amorosa, não temos razões para abandonar esse modo de vida sentimental. Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade, culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar. Os excluídos do amor romântico aprenderam a se considerar “infelizes”. “azarados”, “neuróticos”, “ansiosos”, “narcísicos”, “frustrados”, “medrosos” e outros estigmas auto-aplicados ([Costa](#), 1998, p.35).

Para o terceiro episódio, foi discutido o tema *Da repressão à liberdade – Amar foi uma luta!* A ideia de feminismo contemporâneo foi abordada, articulada ao desejo por viver uma democracia radical que possa sustentar a igualdade/equidade de direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas pelo patriarcado. [Dunker](#) (2017) afirma que, numa sociedade que relega o amor a um papel marginal e que tem o neoliberalismo como modelo socioeconômico, ele entende que as estruturas da política, da economia e da cultura perpetuam o sofrimento psíquico de cada um, logo, de toda a sociedade.

Para [Tiburi](#) (2019), o feminismo enquanto um movimento social surge para ajudar a melhorar o modo como vemos o outro. E essa temática esteve fortemente referida no episódio três suscitado pela convidada Dra. Anna Amélia Farias, que afirmou: “Nesse nosso país brutalmente desigual, historicamente colonial e racista e mortífero, quem faz viver são as mulheres (...) Não vale tudo, mas valem todos. E como a gente faz para que todos caibam?” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021c). Pensar e falar sobre o feminismo, diz [Tiburi](#) (2019), mobiliza o processo de autocompreensão pois evidencia o enlace entre a ética, a política e a singularidade da pessoa.

Alguns comentários de participantes do programa ilustram o caminho que as mulheres vêm percorrendo para amar, atravessado pelo patriarcado. A busca pela conquista da autonomia está presente na fala das diferentes mulheres ao longo dos episódios, relatando desde o lugar do abandono masculino na formação como pessoa até o imperativo do casamento para mulheres como forma de afirmação social. Na nossa perspectiva, essas experiências criam uma película, de ter amor e ser amada como uma experiência de lugar. Uma jovem participante comentou sobre os vestígios da subordinação da mulher ao patriarcado, refletindo sobre o terror causado na sociedade pela liberdade de constructos sociais ao redor do amor.

Houve uma interessante discussão intergeracional sobre o que mudou e não mudou nas maneiras de amar e sofrer. Uma participante comentou que houve muitas mudanças do período da mãe para o dela, e outras discordaram. Sobre a liberdade, uma delas pensa a mescla entre os ímpetos pessoais e de sua personalidade com os padrões sociais de determinada época. Enquanto, por outra participante, foi conceituada a liberdade de duas formas: a liberdade como oriunda da permissão do outro e a liberdade como algo que se tem. Sobre essa experiência de lugar, foi pensado o lugar do social na formação do si, sendo transposto através do tempo por demarcações pessoais de quem se é.

No quarto episódio, falamos sobre os Novos vínculos conjugais com a participação de uma mulher trans. [Hardy](#) e Easton (2019) anunciam as relações livres, como relacionamento aberto e poliamor, mais um aspecto da transformação da intimidade – fenômeno estimulado pelos amplos movimentos sociais, que estão tentando, consciente e deliberadamente, desaprender e reaprender a amar. Estes autores defendem que, tudo indica que as relações serão mais livres e, por isso, mais satisfatórias.

A ética do amor livre e da consensualidade nessa nova forma de amar, diferente da expectativa do amor romântico de sermos a única pessoa importante para o outro, traz na sua receita como ingredientes principais o companheirismo e a solidariedade. Sai de cena a palavra concessão, pois, no mundo individual, essa capacidade diminui e entra a palavra respeito. Com-sentimento – colaboração para o benefício, o bem-estar e o prazer de todas as pessoas envolvidas ([Hardy](#) & Easton., 2019).

Nessa esteira, observa-se que o sentimento de pertencer a outro sexo presente no transexual é tão antigo quanto a sexualidade humana. Para fugir de uma norma cis heteronormativa binária, trouxemos, no 4º episódio, Lena, uma mulher transexual, designer e estudante de psicologia, de 30 anos.

Sobre a experiência de ser uma transexual nos modos de amar na contemporaneidade, Lena diz: “por mais libertas que estejamos hoje, todos esses sentimentos de opressão estão presentes, de formas diferentes da heteronormatividade. Como mulher trans, eu vivencio essa opressão todos os dias, e a forma como eu executo o amor é questionada” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021d).

Sobre a mudança de percepção de antes e depois da transição, Lena diz: “antes da transição, a gente se encontra numa posição muito melhor (a de ser cis homossexual, bem mais aceita). Depois a gente vai perdendo todos os privilégios, tem que lutar muito para se recolocar” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021d).

Sobre a experiência de tornar-se mulher, Lena revela: “na verdade, só existe uma escolha, ser quem se é”([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021d). Ela relata que o mais difícil é receber a aceitação do seu lugar de mulher do outro: “até hoje me vejo cobrando coisas que me disseram, que pertencem ao mundo da mulher” e complementa: “essa percepção é só minha” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021d). Para ela “todas as mulheres precisam se livrar das amarras de controle, cada dia tocar fogo numa amarra dessas”; “transcender o gênero significa transcender todas as amarras que colocaram na gente” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021d).

Lena destaca ainda a questão do atravessamento da classe social à qual pertence, diz: “ser de classe social média conta muito para diminuir a dor” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021d), diz que as transexuais que não têm condições sofrem muito mais, seja por ter a prostituição como única opção de sobrevivência, seja pelo que precisam usar em seus corpos para transicionar, além de estarem mais expostas à violência.

Sobre a sua experiência amorosa, Lena, cujas falas estão destacadas nesse artigo, dada a força e complexidade oferecida, relata que é casada há três anos num relacionamento agora heterossexual, já que ela transicionou há um ano. Sobre traição, diz: “se existe um afeto, uma história, não vai ser apagado por um



sexo bom”; “eu tenho que pensar que eu também tenho desejo e que, às vezes, não necessariamente envolve o meu parceiro” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021d). E acrescenta sobre os desafios da intimidade da mulher trans, ela nos apresenta: “eu conheço pessoas trans absolutamente sozinhas, pois, ao executar a identidade de gênero, foram totalmente negadas na família, a intimidade não existe. Sobra para a trans o lugar de sombra, daquela que retém o desejo reprimido” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021d).

Para Lena, “todas temos que falar, voz calada é voz morta! A gente tem que atuar, estar presente em diversos meios, dizer que existimos, bater no peito com orgulho. Isso é um movimento ainda dolorido, mas ao mesmo tempo, no fim, nos sentimos muito mais fortes, empoderadas e conscientes do nosso protagonismo. É importante que se enxergue que existe vida além de um corpo transgênero, porque é vida, como qualquer uma” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021d).

Novos vínculos conjugais foi a temática do episódio quatro, e destacamos reflexões de outras participantes. Uma delas disserta sobre as alterações contemporâneas das formas de relação e vínculo, enquanto é pensado por outra o limite da incondicionalidade do amor da família para mulheres que se assumem como lésbicas, apontando assim a importância da família na construção de relações amorosas e de que forma isso é atravessado pela sexualidade.

Para o quinto episódio, apresentamos *Eros X Narciso – A quem flechar na contemporaneidade?* Foram trazidos os mitos de Eros e Narciso para promover a reflexão sobre o lugar do amor na contemporaneidade. A psicóloga convidada Marilda trouxe conceitos importantes, através dos mitos de Narciso e Eco, comparando-o com Eros. Segundo a sua análise, “Narciso só olhava pra si mesmo e Eco só olhava para o outro, se esquecia dela. Então a gente vê as polaridades do egoísmo e do ecoísmo”. “Em relação a Eros, Narciso ofende o deus Eros porque ele despreza o amor, pois Eros é o deus da conexão, do vínculo. Narciso e Eros são polaridades” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021e).

As transformações da intimidade nos levam a questionar se ainda podemos considerar intimidade como proximidade, aconchego, amor e vínculo. Com a revolução nas comunicações, democratização da

informação, a globalização, atingem profundamente as formas de intimidade até então conhecidas ([Giddens](#), 1993).

Percebemos em nossa escuta das participantes a percepção de uma dificuldade em relacionamentos, onde problemas são patologizados e a entrega pessoal não é correspondida. Se fala sobre uma hesitação de potenciais parceiros românticos, que percebem a interação afetiva como um risco de se machucar.

Uma participante comentou sobre o nome do programa, *Desenlaces contemporâneos*, relacionando este com a fugacidade de aplicativos de comunicação como WhatsApp, e pensando como compromissos na atualidade se diferenciam por sua objetividade.

No sexto episódio, apresentamos o tema *Amor, sexo e desejo*, escolhido pela relevância da experiência sexual que, assim como o amor, é produto de um complexo conjunto de processos históricos culturais e sociais. A sexualidade é fruto dessa construção social e engloba o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos e nas relações sociais. A convidada Alcione trouxe conceitos interessantes, como “a paixão é uma ponte para o amor” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021f). Para ela, “a paixão é um período, um tempo em que você está idealizando, projetando e transferindo seus desejos inconscientes para outra pessoa que serve de vaso, pelo qual você consegue ver tudo que gostaria” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021f). Por isso, define: “pra mim, não é amor à primeira vista e sim paixão à primeira vista, e não é o amor que é cego e sim a paixão que é cega” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021f).

Sobre a diferença entre amor e desejo, retratada no sexto vídeo, [Kuss](#) (2015, p. 23) afirma que “o desejo se funda na perda do objeto, momento esse que marca a entrada do sujeito em uma relação contínua com uma insatisfação e, como não há o objeto, o desejo não se realiza, o desejo se mantém sempre insatisfeito”. Segundo a autora, essa insatisfação leva o sujeito faltante a uma contínua busca por novos objetos, sempre na tentativa de encontrar a satisfação, daí essa busca incessante. Ao explicar sobre as vias do desejo, a convidada do sexto vídeo afirma: “o desejo pede novidade, pede mistério” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021f).

Há uma diferença posta nos modos feminino e masculino de amar e desejar, encontrando no modo masculino uma complexidade particular no que se refere às junções entre o objeto de amor e o de desejo e, no feminino, há uma tendência à convergência do amor e do desejo ao mesmo objeto.

Nos episódios sete, oito e nove do programa, houve a participação de sete mulheres escolarizadas (nível superior) de 20 a 58 anos, de profissões diversas, falando sobre as suas experiências de elaboração de luto de amor. Algumas delas são psicólogas e acrescentaram aos seus depoimentos experiências de atendimento na clínica. Ao relatar estas falas, alteramos os nomes das participantes para garantir seu anonimato.

No sétimo vídeo, foi apresentado o assunto *Posições femininas de dizer o amor – interseccionalidades*. Kilomba (2019) desenvolvendo estudos sobre as relações raciais aponta o quanto o corpo negro ocupou um lugar na hipersexualização e no trabalho localizado como um “reservatório”, para os medos da cultura ocidental: o medo da mulher *branca*, da mulher *negra* sexualizada, e ao desejo masculino *branco*. Para essa autora, o racismo, portanto, constrói a mulheridade *negra* como um duplo – a “doméstica assexual obediente” e a “prostituta primitiva sexualizada” (p. 143). Sobre os modos de amar, uma participante, que se define como uma mulher negra, fala desse “outro” lugar: “tem mulheres de pele preta que nunca foram amadas nesse amor. (...) É um lugar do não amor e muitas delas não amaram, estavam ocupando outros lugares (...) em uma experiência que é o vazio” (Desenlaces Contemporâneos, 2021g).

No oitavo vídeo, abordamos o tema *A dor de amar*. Barthes (2019, p. 50) discute que apesar das dificuldades, das dúvidas, dos desesperos, da vontade de tudo abandonar, ele não deixa de afirmar o amor como um valor e que “todo o episódio de linguagem que põe em cena ausência do objeto amado - quaisquer que sejam a causa e a duração - e tende a transformar essa ausência em prova de abandono”. No episódio, a dor foi então situada a partir de distintas e complementares percepções: “assim como o amor, a dor de amor não pode ser traduzida em palavras” (Leila) (Desenlaces Contemporâneos, 2021h); “esse lugar de se apropriar do amor, só é possível com a dor” (Jurema) (Desenlaces Contemporâneos, 2021h); “a dor de amor é muito raivosa (...) a gente busca uma reparação (...) quando a gente perde um amor

é como se um pedaço do ego fosse junto” (Salomé) (Desenlaces Contemporâneos, 2021h).

Sobre a vivência da separação, uma mulher comenta: “as gerações se atravessam. Eu acreditava que só poderia estar completa e me sentir feliz se tivesse um casamento porque minha mãe e meu pai foram casados 30 anos, numa história belíssima de amor”. Depois, acrescenta que se separar “foi a desconstrução de tudo que eu ouvi. Eu tive que me reorganizar para me ver enquanto mulher entender que eu era um ser único e poderia caminhar, amar, desejar” (Desenlaces Contemporâneos, 2021h).

Ampliando o olhar para além das suas fronteiras ner-císicas, Adelaide, uma mulher jovem participante do episódio diz, sobre a dor de amor na contemporaneidade, que “as pessoas tentam esquecer da pior forma que é bebendo, indo para festa, tentando pegar outra pessoa no lugar daquela (...) hoje em dia as pessoas não dão valor, não estão ligando para os sentimentos (...) as pessoas estão com muito medo de se comunicar” (Desenlaces Contemporâneos, 2021h).

No nono vídeo, aprofundamos com *A elaboração do luto de amor*. Uma convidada, sobre a falta de lugar para elaborar a dor de amor, cita uma “lógica neoliberal de que tem que estar bem para poder produzir” (Desenlaces Contemporâneos, 2021i). Uma psicóloga relata sua experiência em clínica e cita uma “urgência parecendo que viver é não sentir, que vem causando um sofrimento cada vez maior” (Desenlaces Contemporâneos, 2021i). Relata que as pessoas na atualidade “não querem amar para não sofrer” (Desenlaces Contemporâneos, 2021i).

Sobre a diferença da experiência de luto por morte ou por separação, uma participante, que é viúva, afirma que perder um amor por morte “não é mais duro ou menos duro que perder um amor que continua vivo” (Desenlaces Contemporâneos, 2021i).

Houve uma rica discussão entre o tempo do luto, a partir do comentário de uma jovem participante: “foi detectado em pesquisas, que leva 20 dias para se esquecer alguém” (Adelaide) (Desenlaces Contemporâneos, 2021i). Outra discorda dizendo: “o amor tem um tempo, e não tem tempo certo” (Kiti) (Desenlaces Contemporâneos, 2021i); outra destaca que “o tempo é fundamental no processo de luto” (Salomé) (Desenlaces Contemporâneos, 2021i) e que há, no processo de separação conjugal, casos de

“luto antecipatório, de viver o luto pelo processo de separação dentro da relação” (Adelaide) ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i). Para isso, se faz importante aceitar a durabilidade do amor como relatou uma delas: “o relacionamento deu super certo no período que durou” (Kiti) ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i).

Sobre o processo da elaboração da dor de amor, uma participante comentou que “as experiências de separação vão nos ensinando que essa lente é construída socialmente e que a gente pode usá-la ou não e isso interfere na dor. (...) Tem um nível de devastação mesmo, até a gente entender que isso não somos nós” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i).

Apareceu na discussão a importância do autocohecimento. “eu precisei sair da culpa”, uma diz. “Compreendo que existe a finitude do amor e a infinitude também” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i). Outra diz que: “se conhecer, é muito importante” e sobre a experiência da separação: “a melhor parte foi aprender um pouco mais sobre o que passei e sobre mim” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i). Houve uma definição de forma poética, muito interessante de Melinda: “se relacionar com alguém é trocar, partilhar e compartilhar. Perceber se as marcas ficam como cicatrizes horrorosas ou tatuagens belíssimas” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i).

Sobre a separação, “um grande ganho, é poder ficar livre para o amor” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i), diz Lena, participante da *live*, e sobre a experiência pós-separação, foi dito: “tem um tempo da gente se dar conta – quem sou eu? Como eu quero viver agora?” Sobre o que percebeu de mudanças, afirma: “houve um tempo que a minha lente se quebrou, depois minha lente para o mundo ficou mais gentil” e “eu entendi que esse tudo não existe” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i).

O assunto solidão foi abordado. Foi citado por Salomé sobre o prazer de estar só: “eu acho um tesão ser só, eu acho um tesão ter alguém” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i). Outra participante, belissimamente conclui, com uma apropriação: “o amor é nosso” ([Desenlaces Contemporâneos](#), 2021i)!

A psicanalista Maria [Homem](#) (2020) diferencia solidão de solidão. A solidão aparece como a sensação de que se está sozinho e ninguém se importa com você. Seja vivendo só ou com outras pessoas, sente essa difusa e, muitas vezes, gelada solidão penetrando em suas mentes. Já a solidão, tem a ver com a própria condição humana de estarmos irremediavelmente sós no interior da própria experiência. A solidão revela que somos únicos, mesmo que sempre humanos e diz que vem daí o conceito de subjetividade.

Para o décimo vídeo sob o tema *O amor, a arte e a arte de amar*, tomamos como referência o belo livro *Elogio ao amor* de Alain [Badiou](#) e Nicolas Truong (2013). O universal está na prova de que todo amor nos oferece, no fato de que todo amor propõe uma nova experiência de verdade sobre o que é ser “dois”, e não um, que o mundo possa ser encontrado experimentado de outra forma que não seja por uma consciência solitária. Segundo o filósofo, por isso que “amamos o amor, amamos amar e amamos que os outros amem. Simplesmente porque amamos as verdades” ([Badiou & Truong](#), 2013, p. 30)

Fechamos com um esperançoso conceito do “laborioso do amor”, uma verdade do vir a ser construído ponto a ponto. Segundo ele, “existe um trabalho do amor, e não apenas um milagre. É preciso estar ativo, tomar cuidado, unir-se consigo mesmo e com o outro. É preciso pensar, agir, transformar. E aí sim, como recompensa imanente do labor, vem a felicidade” ([Badiou & Truong](#), 2013, p. 51). O amor também é o duro desejo de durar e o desejo de uma duração desconhecida. “O amor é uma reinvenção da vida, reinventar o amor significa reinventar essa reinvenção” ([Badiou & Truong](#), 2013, p. 26).

Receber os depoimentos, relatos e conceitos dessas mulheres trouxe muitas nuances subjetivas sobre os assuntos relacionados à pesquisa. A forma com que elas despiram suas experiências demonstra sensibilidade, busca por autoconhecimento e muita capacidade emocional. Elas inspiram, e recomendam práticas para favorecer a emancipação feminina, reivindicam a nossa liberdade.

## Considerações finais

A experiência de elaboração e desenvolvimento deste produto de mestrado me possibilitou várias percepções enriquecedoras e me posicionou em outro lugar como profissional. O maior estímulo veio com a possibilidade de desenvolver algo em que pudesse colocar criatividade. A liberdade é o maior presente, mas também, um grande desafio: entre tantas possibilidades, o que escolher? A ideia de uma série de vídeos discutindo tantos assuntos aprendidos com outras mulheres me pareceu a melhor opção, que só se confirmou ao longo do processo.

Primeiramente foi necessário dar forma ao projeto. Ele precisava de nome, de cores. A brincadeira com o nome des(enlaces) foi uma escolha que permitiu uma logomarca esteticamente funcional, seguida de vinheta. O complemento “contemporâneos” veio no título para contextualizar o programa na atualidade. Com a identidade visual pronta, foi construída uma rede social exclusiva para o programa pela plataforma Instagram. Por meio dessa plataforma, além do canal, foram feitas enquetes e colhidos comentários relevantes para a escolha dos assuntos a serem tratados.

Uma experiência interessante foi a de estudar para os roteiros dos vídeos. Construir uma adaptação do texto para uma linguagem e um formato que pudesse ser mais interessante para a telespectadora foi desafiador. Além do cuidado com a forma de comunicar o assunto, foi preciso adaptar o tema à convidada. Várias vezes, falas não puderam ser ditas, pois a interação conduziu a conversa para outro caminho. Perceber esse fluxo, seguir os acontecimentos e, ao mesmo tempo, conduzir o assunto para que não fugisse do tema, foi um grande aprendizado.

Ao gravar os vídeos, percebi o quanto a diversidade das mulheres convidadas foi desafiadora. Um falavam bastante, outras pouco, algumas tinham agenda cheia e desmarcaram às vezes. Houve momentos em que percebia o tema escapular pela janela da espontaneidade, o que é sempre bem-vindo, mas o compromisso com a pesquisa me fez buscar, a todo instante, trazer o assunto de volta, com certa tensão. Para alguém sem experiência em apresentação de programas, foram necessárias doses extras de flexibilidade, paciência e perseverança.

Foi feito um grande exercício, talvez o maior de todos, para lidar com a minha autocrítica, para aceitar tantas falhas, dessa vez, gravadas em vídeos. Para isso, foi preciso aceitar a minha performance tal como aceitar este trabalho, sempre inacabado, em um lugar constante de aprendizado.

A edição foi um processo trabalhoso, foi necessário fazer cortes para que o vídeo não ficasse monótono e destacar algumas falas para assegurar a transmissão da informação. Quando alguma convidada citava uma obra ou um autor, todas as legendas foram colocadas.

Uma autocrítica já percebida foi sobre a duração dos vídeos, que tiveram uma média de 37 minutos. Para uma maior adesão e interesse, eles poderiam ser mais curtos e dinâmicos.

Certamente o mais rico do processo foi a interatividade com outras mulheres. Quando a pesquisa sai do texto para o diálogo, uma força de transformação acontece, um circuito em que os conhecimentos e os sentimentos são tramitados, por meio de uma palavra que atravessa, que nos afeta, uma palavra viva! Escutar realmente essas mulheres, em seus diferentes lugares de fala, me proporcionou fazer diferentes associações e interpretações sobre o tema.

Dessa forma, efetivou-se a comunicação psicoeducativa, que quer dizer a promoção de reflexões no caminho do autoconhecimento e do desenvolvimento emocional. Por meio de propriedades regenerativas, curativas, das palavras postas em relação pelo diálogo entre mulheres, realizou-se outro diálogo, o da pesquisa com o programa.

A produção técnica do produto *Desenlaces Contemporâneos* foi norteada no sentido político da pesquisa. Esse canal, enquanto instrumento de pesquisa, promoveu o autoconhecimento, a reflexão de que é possível conhecer estruturas inconscientes (culturais) que nos organizam, para nos libertar delas. Mais do que informativo, o seu propósito é (psico) educativo.

A experiência de falar sobre conceitos teóricos, sensíveis e profundos por meio de uma plataforma digital foi um grande desafio. Para conhecer os efeitos e as repercussões da abordagem dos temas sobre

vínculos conjugais para as mulheres na contemporaneidade, fez-se necessário entrar na sua intimidade, alinhando os discursos amorosos aos conceitos encontrados na pesquisa. Essa experiência trouxe novos elementos sobre o fazer pesquisa, sobre a psicoeducação, o seu alcance e a sua importância.

Pretende-se seguir trabalhando o conteúdo do canal pelas redes sociais, para que seja mais explorado, divulgado e debatido. A partir dele, estão abertas possibilidades a novos espaços para falar sobre o tema, que continuará sendo pesquisado.

Nunca se sabe onde os sonhos podem nos levar. Logo depois da gravação do primeiro vídeo, a pessoa que fez a filmagem sugeriu que ele gravasse um jingle para a abertura do programa. Fiz algumas alterações, como a mudança “Sejam bem-vindos ao Desenlaces” para “Sejam bem-vindas”, sempre com o público do programa em mente. Na hora em que ouvi a música naquela voz masculina, afirmei que precisava ser cantado por uma mulher. Na falta de uma verba extra para pagar uma cantora, eu me prontifiquei: – Eu posso fazer! Ele perguntou: – Mas você canta? Respondi: – Canto. Eu não cantava, mas cantei, assim como não pesquisava e não apresentava. E olha eu aqui.

### Contribuições das autoras

O artigo foi concebido enquanto projeto, revisão de literatura e construção textual de forma igualitária entre as autoras Daltro, M. R. e Brito, V. F., embora toda a execução do projeto tenha sido realizada pela autora Brito, V. F..

### Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística etc.).

### Indexadores

A Revista Psicologia, Diversidade e Saúde é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



### Referências

- Bacchinni, A. M., Vilhena, J., Frances, I. & Novaes, J. (2016). Desenlaces contemporâneos: um estudo sobre amor e frustração amorosa. *Trieb*, 15 (1 & 2). 139-154. [https://www.researchgate.net/publication/316441711\\_DESENLACES\\_CONTEMPORANEOS\\_UM\\_ESTUDO SOBRE\\_AMOR\\_E\\_FRUSTRACAO\\_AMOROSA](https://www.researchgate.net/publication/316441711_DESENLACES_CONTEMPORANEOS_UM_ESTUDO SOBRE_AMOR_E_FRUSTRACAO_AMOROSA)
- Badiou, A., & Truong, N. (2013). *Elogio ao amor* [D. Bruchard, Trad.]. Martins Fontes.
- Barthes, R. (2019). *Fragmentos de um discurso amoroso* [I. Gonçalves, Trad.]. Edições 70.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido* [C. A. Medeiros, Trad.]. Zahar.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rocco.
- Daltro, M. R. & Faria, A. A. (2019). Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 19(1), 223-237. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812019000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013)

- Desenlaces Contemporâneos. (2021a, 15 de março). O AMOR E SUAS FACES NA CONTEMPORANEIDADE - Desenlaces Ep. 1 | Convidada: Mônica Daltro [Vídeo]. Youtube. [https://youtu.be/H4EVvL0B\\_gI](https://youtu.be/H4EVvL0B_gI)
- Desenlaces Contemporâneos. (2021b, 30 de março). O AMOR ROMÂNTICO E SUAS IMPLICAÇÕES NOS MODOS DE AMAR (LIVE) - Desenlaces Contemporâneos Ep. 2 [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/t0UIMZVF0j4>
- Desenlaces Contemporâneos. (2021c, 10 de abril). O LUGAR DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE - Desenlaces Ep. 3 | Convidada: Anna Amélia Faria [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/RNKF20pGHVI>
- Desenlaces Contemporâneos. (2021d, 20 de abril). RELAÇÕES LIVRES E NOVOS VÍNCULOS CONJUGAIS - Desenlaces Ep. 4 | Convidada: Lua Freitas [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/kxrl4SL2MQ8>
- Desenlaces Contemporâneos. (2021e, 3 de maio). EROS X NARCISO - A QUEM FLECHAR NA CONTEMPORANEIDADE? - Desenlaces Ep. 5 | Convidada: Marilda Bastos [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/rjoSKhV1del>
- Desenlaces Contemporâneos. (2021f, 17 de maio). AMOR, SEXO E DESEJO - Desenlaces Ep. 6 | Convidada: Alcione Bastos [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/FpXhasZwzJE>
- Desenlaces Contemporâneos. (2021g, 30 de maio). POSIÇÕES FEMININAS NO DIZER A DOR DE AMOR - Desenlaces Ep. 7 | Part.: Mônica Daltro e convidadas [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/CdtjUEDjtWo>
- Desenlaces Contemporâneos. (2021h, 30 de maio). A DOR DA SEPARAÇÃO CONJUGAL - Desenlaces Ep. 8 | Participação: Mônica Daltro e convidadas [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/Hh1h8GBPN5I>
- Desenlaces Contemporâneos. (2021i, 30 de maio). A ELABORAÇÃO DO LUTO DE AMOR - Desenlaces Ep. 9 | Participação: Mônica Daltro e convidadas [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/p0Uy2Ub2O54>
- Desenlaces Contemporâneos. (2021j, 10 de junho). O AMOR, A ARTE E A ARTE DE AMAR - Desenlaces Ep. 10 | Convidada: Cyria Coentro [Vídeo]. Youtube. <https://youtu.be/8wqvr5igero>
- Dunker, C. (2017). *Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano*. Ubu Editora.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* [M. Lopes, Trad.]. Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Han, B. C. (2017). *Agonia de Eros* [E. P. Giachini, Trad.]. Vozes.
- Hardy, J., & Easton, D. (2019). *Ética do amor livre: guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas* [C. M. T. Kokubo, Trad.]. Elefante.
- Homem, M. (2020). *Lupa da alma: quarentena revelação*. Todavia.
- Kilomba, Grada. (2019). *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Kuss, A. S. S. (2016). Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan. *Psicologia argumento*, 34(86), 243-255. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-69887>
- Lemos, M. (2016, 24 de novembro). De que forma a psicologia vem acompanhando as mudanças trazidas pela tecnologia. *Psicologia do Brasil*. <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/de-que-forma-a-psicologia-vem-acompanhando-as-mudancas-trazidas-pela-tecnologia/>
- Moura, G., & Freitas, L. (2018). O Youtube como ferramenta de aprendizagem. *REVELLI*, 10(3), 259-272. <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/7946>
- Platão. (2016). *O Banquete* [J. C. Souza, Trad.]. Editora 34.
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. Pólen.
- Stoque, F., Scotton, I., Lisboa, C., & Neufeld, C. (2016). Tecnologias da informação e comunicação e formação do psicólogo clínico. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 12(2), 91-99. [http://www.rbtc.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=237](http://www.rbtc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=237)
- Tiburi, M. (2019). *Feminismo em comum: para todas, todas e todos*. Rosa dos Tempos.